

A EXPOSIÇÃO DE 1922 NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: UM DEBATE SOB O OLHAR DOS MEGAEVENTOS CONTEMPORÂNEOS (ST 9)

Matheus Gonçalves Góes

PROURB/FAU/UFRJ | matheus.goes@fau.ufrj.br

Sérgio Moraes Rego Fagerlande

PROURB/FAU/UFRJ | sfagerlande@fau.ufrj.br

Sessão Temática 9: Cidade, História e Cultura em disputa

Resumo: A proposta para o presente trabalho consiste em um estudo acerca das definições e características do conceito de megaevento, a fim de verificar se sua lógica pode ser traduzida na figura da Exposição Internacional do Centenário da Independência de 1922, realizada na cidade do Rio de Janeiro. Pretende-se, através da ótica dos grandes eventos internacionais, compreender de que maneiras a Exposição de 1922 fora expressiva e abrangente dentro de seu contexto, além de investigar seus rebatimentos na atual conformação da cidade. A pesquisa propõe atingir este objetivo por meio de análise dos dados relativos ao âmbito do turismo, documentos oficiais, noticiários e cartografia, bem como, apresentar um breve paralelo com os Jogos Olímpicos de 2016, elucidando as peculiaridades e aproximações entre os dois episódios na cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Megaeventos; Exposição do Centenário de 1922; Jogos Olímpicos de 2016; transformação urbana.

THE 1922 EXHIBITION IN THE CITY OF RIO DE JANEIRO: A DEBATE FROM THE GAZE OF CONTEMPORARY MEGA-EVENTS (ST 9)

Abstract: The proposal for this work consists of a study on the definitions and characteristics of the term mega-event, in order to verify whether its logic can be translated into the figure of the 1922 International Exhibition of the Centennial of Independence, held in the city of Rio de Janeiro. Through the lens of major international events, it aims to understand how the 1922 Exhibition was expressive and comprehensive within its context, as well as to investigate its repercussions on the current configuration of the city. The research seeks to achieve this goal through an analysis of data related to tourism, official documents, news reports, and cartography, as well as presenting a brief comparison with the 2016 Olympic Games, elucidating the peculiarities and connections between the two episodes in the city of Rio de Janeiro.

Keywords: Mega-events; 1922 Centennial Exhibition; 2016 Olympic Games; urban transformation.

LA EXPOSICIÓN DE 1922 EN LA CIUDAD DE RIO DE JANEIRO: UN DEBATE DESDE LA MIRA DE LOS MEGAEVENTOS CONTEMPORÁNEO (ST 9)

Resumen: La propuesta de este trabajo consiste en un estudio sobre las definiciones y características del término megaevento, con el fin de verificar si su lógica puede traducirse en la figura de la Exposición Internacional del Centenario de la Independencia de 1922, realizada en la ciudad de Río de Janeiro. A través de la óptica de los grandes eventos internacionales, se pretende comprender de qué maneras la Exposición de 1922 fue expresiva y abarcadora dentro de su contexto, además de investigar sus repercusiones en la configuración actual de la ciudad. La investigación propone alcanzar este objetivo mediante el análisis de datos relacionados con el ámbito del turismo, documentos oficiales, noticias y cartografía, además de presentar un breve paralelismo con los Juegos Olímpicos de 2016, aclarando las peculiaridades y conexiones entre ambos episodios en la ciudad de Río de Janeiro.

Palabras clave: Megaeventos; Exposición del Centenario de 1922; Juegos Olímpicos de 2016; transformación urbana.

INTRODUÇÃO

À luz da profusão dos recentes eventos sediados na cidade do Rio de Janeiro nas últimas décadas, a discussão acerca da “era dos megaeventos”¹ pode ser amplamente verificada na circulação de mídia e no âmbito acadêmico. De fato, a presença deste fenômeno em pautas de debate é indispensável, bem como a maneira que esses acontecimentos se colocam perante à cidade e sua distribuição socioespacial. Porém, tão fundamental quanto, seria mensurar e conceituar a definição de megaevento a fim de não “vulgarizar” sua aplicação enquanto significado, da mesma maneira contextualizar em que condições se dão a realização destes eventos – geralmente em um cenário baseado no planejamento estratégico, indutor de grandes projetos urbanos e de divisão coadministrativa com o setor privado. Nesse sentido, este trabalho conjuga a pesquisa de autores que se debruçam sobre os conceitos de megaevento, suas categorias e dimensões, apresentando definições específicas e generalizadas que permitam uma compreensão geral do termo.

É bem verdade que a ebulição da discussão acerca dos megaeventos se deu a partir de um ponto comum: a Olimpíada de Barcelona em 1992. Este caso se tornou exemplo emblemático de uma gestão baseada na aplicação de um megaevento esportivo como motivação para renovações urbanas e atração de investimentos, difusão da imagem da cidade e consolidação dentro da hierarquia internacional, alavancando, entre outras coisas, o setor do turismo (Andreoli, 2015, p. 302). No caso do Rio de Janeiro, com a influência do que aconteceu na capital catalã, os Jogos Olímpicos de 2016 foram elemento chave no processo de inserção da cidade no circuito global de competição e valorização. Apesar da aproximação temporal em que se concentra a realização de megaeventos e sua utilização como ferramenta da transformação, fomento ao turismo e atratividade internacional, é possível observar episódios semelhantes em momentos distintos na história da cidade do Rio de Janeiro.

Décadas antes de Barcelona e da efervescência dos grandes eventos esportivos contemporâneos, ocorrera, na então capital federal brasileira, um acontecimento extraordinário de nível internacional, que deixaria marcas perenes no tecido urbano. Com o objetivo de construir uma imagem nacional vinculada aos ideais de progresso e demonstrar sua autonomia e feitos industriais e econômicos (Elias, 2022), fora organizada uma grande celebração na cidade do Rio de Janeiro, cem anos após o ato de independência do país, se denominando “Exposição Internacional do Centenário da Independência”, em 1922. De escala monumental e de profundo alcance no contexto de sua época – sem deixar de relativizar a dimensão do que se tinha de cidade e possibilidades no âmbito da mídia e comunicação naquele momento – a Exposição do Centenário mobilizou a população e a intelectualidade nos principais centros urbanos do território nacional (Motta, 1992, p. 4). Guardadas as proporções, é possível vislumbrar aproximações e semelhanças entre este episódio com o que foi produzido mais recentemente, sobretudo no período de preparação para o evento, bem como a espetacularização do espaço público e seu consumo.

Para embasar as proposições às quais este trabalho se compromete em lançar, necessitou-se de uma revisão bibliográfica em dois dos principais âmbitos aqui discutidos. Inicialmente, em autores que tivessem empreendido esforços no desenvolvimento de uma conceituação sólida para o que se refere o termo megaevento, bem como, trabalhos referentes à contextualização do episódio aqui discutido – a Exposição de 1922 – e seus desdobramentos na cidade. A fim de auxiliar a construção da atribuição deste conceito ao evento que ainda não fora entendido neste caráter, esta pesquisa apresenta cartografia de um recorte comum no que tange a trajetória de transformações urbanas da cidade, na tentativa de reforçar o que por ora se propõe. Por fim, com a presença de estatísticas referentes ao evento analisado e seu imediato comparativo, espera-se atingir uma conclusão razoável no que se refere ao entendimento da Exposição do Centenário dentro do contexto dos megaeventos internacionais.

Portanto, ao apresentar as definições gerais acerca do termo “megaevento” e seus desdobramentos comuns, a proposta do artigo é contextualizar a Exposição do Centenário de 1922 e a cidade à época, analisar a preparação para a realização do evento, seus visitantes, aplicação de capital, transformações urbanas e demais rebatimentos. Dessa forma, a investigação é conduzida, em um segundo momento, para a verificação da possibilidade de tradução da lógica de megaevento neste caso.

MEGAEVENTOS E SUAS DEFINIÇÕES

Embora seja amplamente discutido, megaeventos parecem ser raramente definidos apropriadamente, e com baixa cautela quanto à sua utilização em contextos nem tão associáveis assim, banalizando a apropriação do termo (Muller, 2015). Enquanto a maioria das atribuições parece ser feita no caso de megaeventos esportivos, alguns autores concluem que não se trata apenas desta tipologia, mas que existem outras “categorias” de megaeventos, sejam eles de cunho religioso, político, cultural ou exposições e feiras, entre outros (Farias, 2023). Muller (2015) defende a tese que o termo fora utilizado pela primeira vez na segunda metade dos anos 1980, em um congresso realizado na França, com o tema *“O papel e o impacto dos megaeventos e das atrações no desenvolvimento do turismo regional e nacional”*. Para Jafari (1988 *apud* Muller, 2015, p. 628), os participantes do congresso não conseguiram, de fato, chegar à uma conclusão comum, e permaneceram com a ideia de que os megaeventos significavam apenas uma grande chegada de visitantes externos à determinada localidade.

Apesar de ser um indicador exponencial, o número de turistas ou visitantes não se configura como balizador central de um megaevento mas, na verdade, se apresenta como um dos índices que compõem o que podemos entender como fatores de verificação e análise do mesmo. Todavia, cabe ressaltar que em tempos de comunicação instantânea, boa parte da experimentação dos megaeventos é feita através da mídia, e não apenas presencialmente, tornando o valor dos direitos de transmissão uma boa alternativa para medir o alcance da

festividade ou competição. Dessa forma, unindo-se aos fatores atratividade turística e alcance mediado, Muller define os fatores custo e transformação como as outras duas dimensões que devem ser analisadas para a verificação de um megaevento. Em sua definição, o autor comenta que “megaeventos são ocasiões ambulantes de duração fixa que atraem um grande número de visitantes, grande alcance mediado, acarretam altos custos e têm grandes impactos no ambiente e na população” (Muller, 2015, p. 634). Contudo, uma atribuição de valores a cada uma das dimensões pode ser nebulosa, visto que para efeito de comparação, grandes distâncias temporais podem alargar ou achatam determinadas ocasiões, sendo necessário, portanto, uma contextualização geográfica, social e de época com outros eventos.

Para mensurar a atratividade dos visitantes, a variável de número de bilhetes/ingressos comercializados se mostra como a melhor fonte para dimensionar esse índice, apesar das deficiências desse método, visto que um mesmo visitante pode adquirir mais de uma entrada. Como alternativa, o valor comercializado dos direitos de transmissão para TV são uma excelente fonte de alcance – neste caso, por meio da mídia – do evento, tendo a comunicação um papel crucial na divulgação e na criação da imagem do local e do espetáculo. Outro importante fator de análise de um megaevento são seus custos, por vezes, controversos e arbitrários, já que o aporte financeiro acaba por influenciar toda a preparação e realização do evento. A maior parte desses, por sinal, se concentra na criação de infraestrutura ou grandes reformas e projetos urbanos de qualificação espacial, alavancados e justificados pelo discurso global de recepção do evento, sendo utilizado, pela grande maioria dos países e cidades-sede, como estratégia para transformações indisponíveis em outro momento (Muller, 2015, p. 633).

Farias (2023), ao analisar as definições de Muller (2015), faz uma contribuição generosa às quatro dimensões descritas por este, acrescentando, por último, o fator legado. Para o autor, o legado exerce importância fundamental nesse processo, pois, por se tratar de o megaevento ser um acontecimento global, deixam marcas perenes no local de realização, sejam elas no âmbito físico ou sociocultural. No caso das Olimpíadas, por exemplo, o legado se torna, na verdade, uma justificativa pré-acontecimento, um dos grandes motivos de legitimação da realização dos Jogos. Este legado, por sua vez, pode ser positivo no caso de reformas de instalações que tragam melhorias na qualidade de vida, revitalização de infraestrutura de mobilidade, saneamento, habitação; como também pode ser negativo, no deslocamento de pessoas, gentrificação, comercialização de espaços públicos e danos ambientais.

Conclui-se, portanto, que o termo megaevento pode ser utilizado em ocasiões de duração fixa que atraiam um vultoso número de visitantes, alto alcance midiático, onerosos custos e causem impactos incisivos na dinâmica urbana e na população, deixando marcas, pretendidas ou não. Contudo, deve ser sinalizado que esta aplicação é ampla, mas carece de devida contextualização, devido à variação de intensidade de cada fator apresentado.

Inevitavelmente, a intensidade de cada índice surge com diferença a depender do tipo de evento e das características da localidade sede.

A EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL EM 1922

No início dos anos 1920, pouco tempo após o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o Brasil preparava um grande evento internacional no Rio de Janeiro, capital federal à época. O episódio marcaria a comemoração da nação brasileira ao centésimo aniversário de sua independência político-administrativa de Portugal. As preparações para a Exposição Internacional do Centenário da Independência de 1922 foram suscitadas, em parte, pelo sentimento nacionalista popular aflorado após a modesta participação brasileira na guerra, bem como pela campanha lançada por jornais cariocas pressionando o governo a fim de que fossem adotadas medidas para a realização de uma grande comemoração (Ribeiro, 2014). Dessa forma, sob o comando do engenheiro Carlos Sampaio, prefeito da capital entre 1920 e 1922, a cidade do Rio de Janeiro assumiria uma agenda de transformações em prol da exposição. Essa pauta de transformações deu continuidade, de certa forma, às transformações urbanísticas com justificativas voltadas às áreas do saneamento, saúde pública e embelezamento, que foram iniciadas na gestão de Pereira Passos, no início do século XX.

Um plano de obras foi elaborado para o período de pouco mais de 2 anos de preparação para a Exposição do Centenário e para a recepção dos convidados e turistas estrangeiros, e uma gama de intervenções foi executada, transformando a cidade em um imenso canteiro. Dessa forma, a dinâmica da cidade, naquele momento, estava envolvida, condicionada e em torno das obras, com características semelhantes aos megaeventos que conhecemos na contemporaneidade, principalmente em relação ao seu poder transformador na paisagem, morfologia e relações territoriais. (Mascarenhas, 2004). O conjunto de obras carregava, entre outras realizações: a construção e melhoria de inúmeras ruas e avenidas na malha viária da cidade, sobretudo, na zona sul e no centro; o calçamento de ruas e remodelação de praças; obras de saneamento; retificação e canalização de corpos hídricos; o desmonte de morros e o aterramento de suas terras em águas banhadas pelo oceano; a construção dos pavilhões representativos da própria Exposição em si e a construção de três hotéis – Hotel Sete de Setembro, Hotel Glória e Copacabana Palace (Levy, 2013, p. 13).

Figura 1 – Vista aérea do Hotel Glória.



Fonte: Jorge Kfuri, IMS, 1922.

Entre as pautas na agenda de preparação da cidade para a realização da Exposição do Centenário, destaca-se a finalização do desmonte do Morro do Castelo, iniciado na gestão Pereira Passos. Comparado a um dente cariado por Sampaio (Motta, 1992, p. 62), o Morro – berço da cidade – era visto como símbolo de atraso ao degradado passado colonial. Aliado à necessidade de conceder um local destacável na paisagem e na estrutura da cidade para implantação da exposição, algumas razões econômicas para sua demolição foram encobertas, como a criação de terrenos em áreas supervalorizadas no centro (Ribeiro, 2014). A volumosa obra consumiu muitos recursos, além do que fora previsto, acumulando dívidas para o Estado. Posteriormente, Carlos Sampaio foi acusado de corrupção por ser um dos donos da empresa que foi escolhida para realizar a demolição do Morro do Castelo. Estudos realizados na época demonstraram que “obras de embelezamento no morro custariam bem menos, cerca de um terço do que foi gasto no desmonte” (Barros, 2002, p. 13).

No discurso e nas justificativas para as intervenções de preparação para a Exposição do Centenário, percebem-se motivos secundários velados por trás da chamada oficial de “melhoramentos e embelezamento” de uma cidade que sofria constantemente com problemas no saneamento e saúde pública. Além dos supostos escândalos já mencionados acerca da demolição do Morro do Castelo, a criação de novas áreas para vendas de terrenos privilegiados no centro, existiu, por exemplo, o caso de um dos três hotéis de grande porte que foram construídos para a Exposição. Oficialmente, a localização do Hotel Sete de Setembro, na Avenida do Contorno do Morro da Viúva, atual Avenida Rui Barbosa, foi designada por conta da proximidade com o recinto da Exposição. Todavia, outro motivo para a construção do hotel teria sido o de acabar com as moradias precárias existentes no Morro da Viúva, ocupadas por população de baixa renda, a fim de criar uma área valorizada em uma região nobre da cidade e de frente para o Pão de açúcar (Levy, 2010, p. 140-141).

Na área aterrada após o desmonte foi construída a Avenida das Nações, atual Avenida Presidente Wilson, entre a Glória e a Praça XV de Novembro. Essa avenida abrigou a Exposição, que foi dividida em dois setores: nacional e internacional. O recinto nacional incluía

8 pavilhões representando a indústria, agricultura e estados brasileiros, enquanto o internacional tinha 13 pavilhões representando diversos países como Argentina, França, Inglaterra, entre outros.

Uma parte dos pavilhões fora construído em caráter provisório, recebendo em sua estrutura materiais como aço, uma inovação daquele tempo que gerava facilitação no transporte e desmobilização para remontagem em outro local, além de outros materiais e métodos construtivos, como o Pavilhão do Japão, todo confeccionado em peças de madeira de encaixe, que podia ser facilmente desmontando. O Pavilhão da Itália, por sua vez, foi construído com materiais todos vindos do país e sua montagem concluída em 50 dias. Não foi o caso de outros pavilhões, que foram finalizados apenas durante a exposição. Além dos pavilhões, foram construídos quiosques – representando marcas internacionais e cervejarias – e o Parque de Diversões, que junto ao Palácio de Festas, foi uma das maiores e mais populares edificações da Exposição (Ribeiro, 2014).

Figura 2 – Multidão na área aterrada para a Exposição do Centenário da Independência.



Fonte: IMS, 1922.

Figura 3 – Avenida das Nações, construída para abrigar os Pavilhões da Exposição.



Fonte: Augusto Malta, IMS, 1922.

Na investigação dos vestígios arquitetônicos e urbanísticos da Exposição do Centenário, Ribeiro (2014) aponta para certas contradições entre as edificações que permaneceram e as que ruíram com o passar do tempo: o que seria permanente, decaiu; e o que seria provisório, ficou. O desaparecimento dessas construções não se deu instantaneamente após a finalização do evento, mas com o passar dos anos e por variados motivos, e o destino da maior parte delas foi diferente do que era previsto pelos organizadores do evento, de acordo com o Livro de Ouro da Exposição (1923). Perduram na paisagem até os dias contemporâneos: o Pavilhão de Honra da França, atual sede da Academia Brasileira de Letras; o Pavilhão do Distrito Federal, atual Museu da Imagem e do Som; o Pavilhão da Estatística, atual Centro Cultural da Saúde; o Pavilhão das Grandes Indústrias (uma adaptação do antigo Forte do Calabouço), atual Museu Histórico Nacional; e um dos torreões do antigo Mercado Municipal (na exposição, teve uma de suas fachadas adaptadas para abrigar o Pavilhão de Indústrias Particulares), atualmente um restaurante.

Alguns fatores foram fundamentais para a propagação do ideal de progresso disseminado na celebração, como por exemplo, o uso de iluminação pública noturna, considerado um espetáculo à parte. Outros fatores corroboraram com a ideia: o aumento do número de automóveis circulando na cidade, o início da transmissão radiofônica no Brasil, os cinemas, os congressos e conferências relacionadas ao evento, entre outros (Elias, 2022, p. 74). Este conjunto de elementos inovadores à época fez com que a Exposição alcançasse um grande público – aproximadamente 3,6 milhões de visitantes em seus 10 meses de realização, segundo a Revista “A Exposição de 1922” – o que fomentou o turismo na cidade e a rede hoteleira.

Apesar dos atrasos, falhas e falta de conclusão de algumas obras a tempo para a inauguração, a Exposição foi considerada um sucesso. Seu objetivo, mostrar internacionalmente o país, valorizar suas conquistas e exibir uma cidade com potencial transformador, foi alcançado, de fato. Seu legado deixou para a cidade algumas construções de porte monumental até hoje em

utilização, grandes alterações na dinâmica urbana, na malha viária, nas relações sociais e na interação entre indivíduo e espaço. Há de se observar que durante esse episódio no processo de modernização, se desenvolveram duas cidades em paralelo: uma do espetáculo, do progresso e da modernidade, concentrada nas áreas mais nobres da zona sul e do centro; e a outra da exclusão, da insalubridade e da permanência da precariedade dos serviços básicos e essenciais como transporte, água e esgoto. Não é espantoso que essas constatações continuem soando familiares ao Rio de Janeiro contemporâneo.

A EXPOSIÇÃO DE 1922: PRIMEIRO MEGAEVENTO SEDIADO NO RIO DE JANEIRO?

A partir da segunda metade do século XIX, foram organizadas exposições universais nas grandes cidades do continente europeu, em Londres (1851 e 1862), Paris (1855, 1867, 1889 e 1900), entre outras, sucedidas por exposições na América do Norte e na Austrália, organizadas na Filadélfia (1876), Melbourne (1880) e Chicago (1893). Muito provavelmente, a precursora feira de exibição – e origem das exposições – tenha sido a que ocorreu em 1798, no Campo de Marte, em Paris, quando foi realizada uma exposição da indústria, ainda em caráter nacional, em comemoração à proclamação da república (Benjamin, 2009 [1982], p. 215). Apesar de cada uma possuir suas peculiaridades, alguns aspectos em comum permeiam as exposições: motivações comerciais, impactos na infraestrutura urbana, o incremento no setor turístico, e, talvez o mais relevante, a promoção de uma imagem de cidade e nação.

No Brasil, com a influência das exposições universais na Europa, fora organizada em 1861 pela Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, uma Exposição Nacional no edifício da Escola Politécnica, localizado no Largo de São Francisco, Rio de Janeiro (Motta, 1992, p. 6). Já no século XX, após as reformas do período Passos na então capital federal, e segundo Motta (1992), tendo como objetivo a preparação para a participação brasileira na Exposição Internacional de Bruxelas (1910), foi realizada a Exposição Nacional de 1908, no bairro da Urca, em celebração ao primeiro centenário da abertura dos portos ao comércio estrangeiro.

Inicialmente pensada para ser mais uma exposição nacional, a Exposição do Centenário da Independência de 1922 acabou por se tornar internacional, com a participação de mais de uma dezena de países estrangeiros, de três continentes distintos (Levy, 2013, p. 6). Diferente dos eventos de 1861 – ocupou apenas uma edificação – e 1908 – de caráter nacional – os rebatimentos das obras de preparação para o evento de 1922 criaram para o Centro uma nova paisagem, e seus vestígios permanecem na cidade até os dias atuais.

Figura 4 – Mapa do Centro do Rio de Janeiro em 1922, com a identificação das transformações urbanas ocorridas em preparação à realização da Exposição do Centenário da Independência.



Fonte: elaborado pelo autor, 2024.

Curiosamente, a Exposição do Centenário de 1922 não é considerada oficialmente uma Exposição Universal pelo Gabinete Internacional de Exposições, o *BIE* (*Bureau International des Expositions*). Esta ausência pode se dar por motivos que aqui não serão discutidos, visto que o Gabinete não fornece com clareza quais são os critérios definidos para tal classificação. Porém, dentro das informações disponibilizadas pelo *BIE*, cabe a comparação com algumas das exposições inscritas no circuito: Melbourne (1880) e Barcelona (1888) receberam, respectivamente, 1.3 e 2.3 milhões de visitantes, enquanto o Rio de Janeiro (1922) recebeu cerca de 3.6 milhões de visitantes. Londres (1851), Paris (1855) e Lille (1951), detiveram, respectivamente, 10.4, 15.2 e 15 hectares de área para a realização de suas exposições, enquanto que no Rio de Janeiro, foram destinados cerca de 23 hectares de área para a Exposição de 1922.

Alguns fatos relacionados, como os já citados uso da iluminação noturna, o parque de diversões, o aumento da presença de automóveis nas ruas, o início da transmissão de rádio no país, os cinemas, congressos e conferências corroboram para a percepção de que se trata de um grande acontecimento na história do Rio de Janeiro e do Brasil como um todo. Seus objetivos, construir uma imagem do Brasil como país do progresso e alinhado aos “novos tempos”, a promoção da rede turística e hoteleira, os interesses econômicos na região central da cidade e a atração de investimentos estrangeiros, comuns às grandes exposições universais, em muito se aproximam dos reflexos e ruídos dos grandes eventos contemporâneos.

Figura 5 – Mapa do Centro do Rio de Janeiro em 2016, com a identificação das transformações urbanas alinhadas com a preparação para a Olimpíada de 2016.

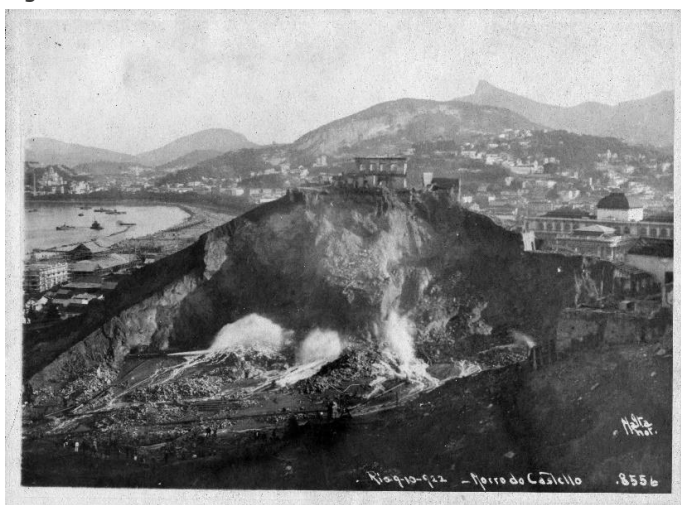


Fonte: elaborado pelo autor, 2024.

Sob o olhar dos megaeventos contemporâneos – referenciados e conceituados anteriormente – é possível traçar um paralelo com a Olimpíada de 2016, sobretudo no que tange a região central da cidade. Apesar dos Jogos não terem sido disputados, de fato, no Centro, houve um movimento artificial para que fosse estabelecido na zona portuária uma representação simbólica do evento. Algumas intervenções urbanísticas realizadas naquela área no período de preparação estão diretamente alinhadas com a agenda de preparações para o certame. O maior exemplo pode ser o projeto do Porto Maravilha, que, se esteve vinculado ao aniversário de 450 anos da cidade, também foi palco de diversos eventos, transmissões e ocasiões relacionadas aos Jogos, bem como, compartilha seu nome em uma grande área que foi revitalizada, o *Boulevard Olímpico*. É factível afirmar que nenhuma dessas grandes transformações teria ocorrido com tamanha celeridade sem a justificativa olímpica na manga.

Uma aproximação coerente com a lógica das oportunidades do mercado imobiliário no caso dos preparativos para a Exposição é o desmonte do Morro do Castelo, berço histórico da cidade, que segundo Ruth Levy (2013, p. 17), era alvo de cobiça e ameaças pela “possibilidade da lucrativa criação de uma área de expansão para o Centro”. Sampaio, que, anos antes, em 1891, já havia empreendido esforços no arrasamento do morro, viu na Exposição uma excelente oportunidade para o ganho de terrenos com a nova esplanada, bem como na área aterrada ao mar. Assim, a nova área planificada onde se encontrava o morro se conformou em espaços desarticulados e de contrastes tipológicos, caracterizando-se como sobras de planos e processos que nunca se resolveram por completo (Vilas Boas, 2007, p. 84).

Figura 6 – Arrasamento do Morro do Castelo.



Fonte: Augusto Malta, IMS, 1922.

Conjurando o esquema de Muller (2015), e incrementado por Farias (2023), ao analisar os 5 parâmetros apontados por este, nota-se uma lacuna no fator custos, devido à baixa disponibilidade deste tipo de dado com precisão acerca da preparação para a Exposição, apesar de alguns autores já terem esclarecido as dívidas públicas que Carlos Sampaio deixara². No âmbito do alcance midiático, pode-se dizer que a Exposição fora promovida nos veículos disponíveis à época, jornais impressos, bem como em selos comemorativos, revistas, entre outros – sem mencionar a inauguração do rádio no Brasil realizada durante a festividade. As transformações urbanas, amplamente discutidas, foram determinantes para a conformação do atual centro da cidade, sobretudo para a região do Castelo e a área aterrada que hoje faz parte do Aeroporto Santos Dumont, bem como, o legado que deixou na arquitetura produzida e nos ideais disseminados³. Para este estudo, a tabela abaixo esclarece a questão dos visitantes e estabelece uma base comparativa com a Olimpíada de 2016:

Tabela 1 – Comparativo no âmbito dos visitantes entre os dois eventos.

Evento	Visitantes	Tempo de realização	População à época	Visitantes/dia	% população/dia
Exposição 1922	3.626.402	10 meses	1.157.873	12.088	1,04%
Olimpíadas 2016	1.170.000	17 dias	6.211.223	68.823	1,10%

Fonte dados: Anuário Estatístico do Brasil (IBGE), 1936; Revista Oficial da Exposição, 1923; Balanço dos Jogos Rio 2016; Censo IBGE, 2022.

Se, desta forma, conclui-se que a Exposição do Centenário de 1922 está fortemente presente na definição de pelo menos quatro dos cinco fatores de análise escalar de um megaevento, pode ser vislumbrada a possibilidade deste episódio ser interpretado como um megaevento através desta ótica, dentro de seu contexto temporal e urbano, sendo, muito possivelmente, o primeiro em solo carioca e brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de análise histórica e comparativa, este estudo buscou contextualizar a Exposição do Centenário de 1922 e lançar a argumentação desta ter sido uma espécie de precursor dos megaeventos contemporâneos, observando suas semelhanças com a Olimpíada de 2016. Apesar de possuírem teores distintos, ambos os eventos compartilham fatores comparáveis, como os rebatimentos no âmbito urbano, os interesses econômicos imbricados e a tentativa de promoção de uma imagem de cidade, inserindo-a em circuitos mercadológicos globais.

As transformações urbanas motivadas pelo desejo de modernização e progresso preconizados na Exposição, são refletidos em boa medida pelos padrões de ação das linhas de preparação dos megaeventos contemporâneos, em termos de escala, custos e impactos permanentes na cidade.

Por fim, ainda que a Exposição do Centenário não seja entendida como um megaevento, e tampouco reconhecida oficialmente como uma Exposição Universal pelo *BIE*, ela compartilha em larga escala as características presentes em eventos desta natureza. Portanto, pode ser vista como um marco histórico que antecipou práticas e impactos associados aos megaeventos no Rio de Janeiro e, por extensão, no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

A EXPOSIÇÃO DE 1922: órgão da comissão organizadora. Rio de Janeiro, RJ: Litho-Typographia Fluminense, n. 17-18, 1923. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800899&pesq=&pagfis=649>>. Acesso em: 30 de maio de 2024.

ANDREOLI, Marcelo; MOREIRA, Tomás. Uma análise histórico conceitual dos megaeventos esportivos e seus desdobramentos na cidade contemporânea. **Revista Eure**, Santiago, v. 41, n. 123, p. 289-307, 2015.

BARROS, Paulo Cezar de. Onde nasceu a cidade do Rio de Janeiro? (um pouco da história do Morro do Castelo). **Revista Geo-Paisagem**, Niterói, RJ, v.1, n.2. 2002.

BENJAMIN, Walter. **Passagens** [1982]. Trad. Irene Aron, Cleonice Paes Barreto Mourão. Org. Willi Bolle. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BRASIL, **Anuário estatístico do Brasil 1936**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 2, 1936.

BUREAU INTERNATIONAL DES EXPOSITIONS (BIE). Organização intergovernamental responsável pela supervisão e regulamentação das Exposições Mundiais [1931]. Paris. Disponível em: <<https://www.bie-paris.org/site/en/>>. Acesso em: 02 de julho de 2024.

ELIAS, Daiane Lopes. Centenária Exposição: os cem anos da Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil (1922-1923). **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 63-88, 2022.

FARIAS, Luiz Alberto de; AGNELLI, Flávio. Por que um evento é Mega: a falta de consenso acerca do significado de “eventos” e “megaeventos esportivos”. **Revista Famecos**, PUC/RS, Porto Alegre, v.30, p. 1-10, 2023.

KESSEL, Carlos. Carlos Sampaio, urbanista carioca. **VIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. V.8, n.1, 2004.

LEVY, Ruth. **A Exposição do Centenário e o meio arquitetônico carioca no início dos anos 20**. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2010.

LEVY, Ruth. **1922|2012 90 anos da Exposição do Centenário**. Rio de Janeiro: Casa 12, 2013.

LIVRO DE OURO COMEMORATIVO DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL E DA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO: 7 de setembro de 1822 a 7 de setembro de 1922 – 7 de setembro de 1923. Rio de Janeiro: Edição do Anuario do Brasil (Almanak Laemmert), 1923.

MASCARENHAS, Gilmar. A cidade e os grandes eventos olímpicos: uma geografia para quem? **Lecturas: Educación Física y Deporte**, Buenos Aires, ano 8, n.78, nov. 2004. [Revista Digital].

MOTTA, Marly Silva da. **A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência**. Rio de Janeiro: Editora FGV: CPDOC, 1992.

MOTTA, Marly Silva da. "Ante-sala do paraíso", "vale de luzes", "bazar de maravilhas" - a Exposição Internacional do Centenário da Independência (Rio de Janeiro - 1922). Rio de Janeiro: **Seminário “Cenários de 1922”**, CPDOC/FGV, 1992.

MULLER, Martin. What makes an event a mega-event? Definitions and sizes. **Leisure Studies**, Londres, p. 627-642, 2015.

RIBEIRO, Fernanda de Azevedo. **Exposição Internacional do Centenário de 1922: processo de modernização e legado para a cidade do Rio de Janeiro**. Niterói, RJ: 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Escola de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo.

RIO DE JANEIRO, Prefeitura da Cidade do. **Balanço dos Jogos Rio 2016: Cidade Olímpica**. Rio de Janeiro: 2016.

VILAS BOAS, Naylor. **A Esplanada do Castelo: Fragmentos de uma História Urbana**. Tese (Doutorado em Urbanismo), PROURB/UFRJ. Rio de Janeiro: 2007.

¹ Assim foi chamado, sobretudo pela mídia, o período entre agosto de 2002 – quando a cidade foi escolhida para sediar os jogos Pan-Americanos de 2007 – e agosto de 2016 – quando os XXXI Jogos Olímpicos de Verão foram encerrados (Oliveira et al., 2020).

² Kessel (2004, p. 7) discrimina os vultosos empréstimos para a obra de arrasamento do Castelo; Barros (2002, p. 17) sinaliza para a dívida de 24 milhões de dólares com as obras de desmonte que a Prefeitura contraiu somente com banqueiros holandeses e estadunidenses.

³ Os processos no âmbito da arquitetura vinculados à Exposição são elucidados na obra *A Exposição do Centenário e o meio arquitetônico carioca no início dos anos 20*, de Ruth Levy (2010).